




Esvai a caixa de pandora: percepções, emoções e sentidos¹

Empty pandora's box: perceptions, emotions and senses

Caja de pandora vacía: percepciones, emociones y sentidos

Samilo Takara - Universidade Estadual de Londrina | Londrina | Paraná | Brasil |
sami.takara@gmail.com |

 <https://orcid.org/0000-0002-8775-6278>

Resumo: Este ensaio apresenta a problematização da esperança como condição positiva, tendo em vista o sentido da espera como a inércia. Para discutir tal condição, perpassamos as dimensões dos significados, das emoções e das sensações para incomodar os modos de ser e de agir no mundo com base nas demandas de uma outra forma de existir que responda às demandas do contemporâneo.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Percepção. Emoção. Sentido.

Abstract: This essay presents the problematization of hope as a positive condition, considering the sense of waiting as inertia. To discuss this condition, we go through the dimensions of meanings, emotions and sensations to disturb the ways of being and acting in the world based on the demands of another form of existence that responds to the demands of the contemporary.

Keywords: Communication. Education. Perception. Emotion. Sense.

Resumen: Este ensayo presenta la problematización de la esperanza como una condición positiva, considerando la sensación de espera como inercia. Para discutir esta condición, pasamos por las dimensiones de los significados, las emociones y las sensaciones para perturbar las formas de ser y actuar en el mundo basadas en las demandas de otra forma de existencia que responde a las demandas de lo contemporáneo.

Palabras clave: Comunicación. Educación. Percepción. Emoción. Sentido.

 <http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2020v8n17p158-176>

Recebido em junho 2019 – Aprovado em fevereiro 2020.

¹ Este ensaio é resultado do processo de discussão que iniciou o projeto de Pós-Doutorado em Comunicação "O prazer diante dos outros: Pornografias e a erotização dos corpos masculinos gays" sob a supervisão do Professor Doutor Rodolfo Rorato Londero pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR).



Depois de criado o mundo e separados os elementos que antes eram apenas “[...] uma informe e confusa massa, mero peso morto, no qual, contudo, jaziam latentes as sementes das coisas” (BULFINCH, 2002, p. 19) e dado lugar ao céu, a terra e a água, foram criados e organizados os seres vivos e o que o autor chamou de animal nobre – o homem; Zeus e os outros deuses criaram a primeira mulher: Pandora.

Em uma versão, Pandora abriu a caixa que continha todos os males do mundo e, desse modo, ao conseguir fechá-la, sobrou apenas a esperança. “Assim, sejam quais forem os males que nos ameacem a esperança não nos deixa inteiramente; e, enquanto a tivermos, nenhum mal nos torna inteiramente desgraçados” (BULFINCH, 2002, p. 22). Em outra versão,

Pandora abriu a caixa, inadvertidamente, e todos os bens escaparam, exceto a esperança. Essa versão é, sem dúvida, mais aceitável do que a primeira. Realmente, como poderia a esperança, joia tão preciosa quanto é, ter sido misturada a toda a sorte de males, como na primeira versão? (BULFINCH, 2002, p. 22).

Início esta aproximação entre os elementos que permitem pensar a Comunicação – percepção, emoção e sentido – respondendo à pergunta de Bulfinch (2002, p. 22) do modo que entendo neste momento; é coerente que a esperança esteja entre “toda sorte de males” se ela for algo ruim. A esperança tem sido designada em nossos espaços culturais e sociais como positiva, tal como diz o autor. Entretanto, esperar – ou ter esperança de que algo se realize, aconteça, concretize-se – coloca-nos à deriva.

Essa deriva que se torna por vezes uma espera sempre adiada, coloca-nos no lugar de espectadores das ações do mundo. Desse modo, buscamos os sentidos para a vida. Astrologia, búzios e *tarot* para aqueles que veem o universo como um lugar de energias que vibram e transformam; planos, projetos, trabalho, prazos e regras para outros que entendem que a vida pode ser organizada nos finais de semana,



cumprindo as exigências de labor e lazer que são estimulados e estimulantes de uma lógica capitalista e de desempenho (HAN, 2015).

E, há aqueles, para quem a ciência, a verdade e a objetividade resolvem. Métrica, inferência, lógica, ciência e sentido. Desejamos – porque nos falta às vezes maneiras de sentirmos segurança – a verdade nua e crua. E, desse modo, vemos como a verdade é produzida, gestada, gerenciada e utilizada pelos sistemas de signos contemporâneos desde que o mundo é mundo – ou, desde que Pandora abriu a caixa e nos libertou da ideia arrogante de controlarmos a vida. A esperança, desse modo, é a garantia dessa possibilidade de algo melhor, onírico, perfeito – um desejo humano pelo sentido de existir.

Toda essa argumentação desenvolvida até aqui é para ilustrar como essa esperança que sobrou na caixa da primeira mulher é um verdadeiro mal ao humano. Por não deixarmos essa praga ir com as outras, acreditamos na capacidade de um bando de animais nobres – a humanidade – em controlar a vida e dar-lhe sentido, ou seja, estimulamos, desde o surgimento do mundo e, aperfeiçoamos histórica, cultural e socialmente o desejo humano por sentido.

Não entenda este texto como um manifesto pelo fim da esperança. Discorro, apenas, que como praga, deveria acompanhar suas semelhantes e deixar a caixa vazia. Esse espaço, essa falta, essa vontade de ter sentido a existência é o que me interessa. O vazio que gera a necessidade de preenchimento dos humanos e, que em vários momentos da história, a Filosofia, as Ciências e as sociedades tentaram explicar de diferentes modos, mas apenas de um lugar que é o sentido.

Para não paralisarmos diante dessas conjecturas, sugiro nos aproximarmos da ideia de que “talvez brinquemos de pedra filosofal que transforma as ligas e transmuda os títulos” (SERRES, 2001, p. 23). Estar nesse estado de transmutação permite-nos flertar com os sentidos que construímos para nossa existência como bando, grupo e o que fizemos –



todas as nossas frustradas tentativas de controle – para lidar com o domínio pelo sentido.

Apontei, em momentos anteriores a palavra desejo – e a coloquei nesta abertura, neste primeiro contato ou mesmo nesse aceno – como falta. Essa é uma das hipóteses que defendemos neste passeio. Entender o sentido de desejo como falta nos permite apreciar dois elementos que precisamos transmutar nesse processo em um sentido de abrir espaços, de deixar a bendita caixa vazia para podermos olhar, cheirar, sentir, tocar, lambar outras coisas.

O modo de pensar sobre o desejo é pelo incômodo. Não que seja possível ignorá-lo, mas, talvez, o nosso interesse é em conhecê-lo. Lógico que o sentido aqui é nosso veículo para a transcrição desta viagem. Entretanto, aqui se instala outro incômodo para apreciarmos: o sentido, a linguagem, a palavra são nossos modos de relatar este caminho, mas a proposta é que tirando a palavra da boca, tentemos ultrapassar a ageusia. Intentamos – e tentamos – sentir o gosto do que está antes da linguagem, da palavra, do sentido. Gostar a experiência.

O caminho passa por outros contatos com o mundo. Entramos pelas significações, mas passamos pelo que nos move – pelas emoções e pelas sensações. Ou seja, deixemos a esperança ir, tomemos os remos, sintamos o Sol queimando a pele dos braços, o rosto e percebamos, que o peso do remo é menor se o interesse é fazer algo com a sensação de deriva. O desespero causa náuseas e sacode o apático. Desejar move pelo sentido, mas qual é o prazer que te localiza agora aí, diante desse bando de palavras que – realmente – não dizem nada e não conversam com você – apenas informam como a esperança nos estagna.

[...] as pessoas continuam a achar que não há compartilhamento, que não há troca, que é difícil passar ao outro o que a gente sente, como a gente sente, as coisas que estão dentro da gente. As pessoas continuam a achar que suas maneiras de ver o mundo, seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias são fatos internos, íntimos,



incomunicáveis. (MARCONDES FILHO, 2007, p. 7, grifo do autor).

Se houve provocação, ficamos satisfeitos. Agora faz sentido que seus olhos continuem deslizando por essas linhas. Mas, antes de irmos apenas por esse suave caminho esperançoso do sentido. Qual o gosto que está sentindo agora? Enquanto escrevemos a xícara de café vazia ainda ecoa um cheiro atraente, assim como, as vozes das pessoas que sobem a escada ao meu lado e a música de festas de fim de ano continuam rolando escada acima. Estamos relatando um presente que será passado para você – pessoa interessada que está incomodada pelo nosso desejo de passear pela Comunicação para fora do que é sentido – ir por emoções e sensações, farejar um trajeto possível é uma forma de tentar abrir brechas. Esvazie a caixa, deixe a esperança de lado e sinta-se angustiado. Permita-se a frustração. Se essas últimas linhas causaram medo ou raiva, ficamos felizes. Estamos perto do que pode ser uma porta.

Eu acho que eu quero fazer com que a gente perca as esperanças. É isso que eu quero fazer com o meu show e com o meu trabalho. Quero que a gente perca as esperanças, porque a esperança nos mantém esperando, esperando, esperando. Esperando que alguma coisa aconteça e nos tire do lugar. Espero que a gente perca a esperança e consiga organizar nossa raiva coletivamente para que nós possamos mover as coisas ao nosso redor e construir o nosso presente (informação verbal)².

A palavra oferece uma distância, uma parada, uma proteção, também percebemos que o mundo simbolizado é um contato, ínfimo, com a nossa relação com o mundo.

O verbo ocupa e anestesia a carne, até disseram, escreveram que ele se fazia carne. Nada insensibiliza mais a carne do que a palavra. Se eu estivesse olhando alguma imagem, ouvindo o som saído do positivo, cheirando uma grinalda de flores, provando um confeito, segurando um

² Entrevista concedida ao O Povo/CE.



bastão com a mão fechada, o agulhão da vespa ter-me-ia arrancado gritos (SERRES, 2001, p. 54).

Desse modo, comunicar não se opõe ao silêncio, mas como explica Marcondes Filho (2007), o silêncio é parte integrante dessa empreitada. Serres (2001, p. 54) expõe que “falamos para nos drogar [...]”. Perigoso, o sentido pode preencher tal qual a nicotina preenche os neurotransmissores do fumante. Estamos extasiados, anestesiados, não precisamos de envolvimento ou relação, porque o sentido mutila nossas impressões.

Para se captar o mundo, jamais podemos nos prender apenas às palavras. Além de elas serem uma forma impessoal, neutra, vazia de sentimentos e de vivências pessoais, elas são um meio pouco confiável de comunicação. Pode-se falar tudo, nada é proibido pela linguagem verbal tento controlar o mundo à minha volta e me empenhar para que ele tenha uma imagem boa de mim. Mas o mundo me olha por muitos outros canais. O que sou, de fato, não é transmitido pela linguagem (MARCONDES FILHO, 2007, p. 93).

Ao entendermos que “a língua endurece os sentidos”, podemos optar não por abandoná-lo, mas por colocá-lo sob suspeita (SERRES, 2001, p. 69). Duvidar é uma forma de crítica, de profanação e de blasfêmia (AGAMBEN, 2007; HARAWAY, 2009). Escolha para problematizar e causar instabilidade, esse jogo com a ironia é um jogo sério, segundo Haraway (2009, p. 34) porque “a blasfêmia nos protege da maioria moral interna, ao mesmo tempo em que insiste na necessidade da comunidade. Blasfêmia não é apostasia”. O que blasfema também crê, mas de modo profano em algo.

O que foi separado ritualmente pode ser restituído, mediante o rito, à esfera profana. Uma das formas mais simples de profanação ocorre através do contato (*contagione*) no mesmo sacrifício que realiza e regula a passagem da vítima da esfera humana para a divina. Uma parte dela (as entranhas, *exta*: o fígado, o coração, a vesícula biliar, os pulmões) está reservada aos deuses, enquanto o restante



pode ser consumido pelos homens. Basta que os participantes do rito toquem essas carnes para que se tornem profanas e possam ser simplesmente comidas. Há um contágio profano, um tocar que desencanta e devolve ao uso aquilo que o sagrado havia separado e petrificado (AGAMBEN, 2007, p. 66).

A capacidade de profanar está em coisas simples como o toque, o tato, o contato. É com essa reflexão, que as percepções podem oferecer outros sentidos, amplos, inomináveis, por vezes. “A pele, multissensorial, pode passar pelo sentido comum” (SERRES, 2001, p. 78). Comungar, estar em relação com algo, comunicar. A linguagem é a forma polida e civilizada do contato com o mundo. Precisamos tomar cuidado porque alimentar-se é importante, mas a linguagem é como os artefatos, como colheres, como garfos e como facas para a prática da alimentação. Eles parecem imprescindíveis e de bom tom, mas eles não são o alimento. Assim, o sentido está na linguagem, passa e produz linguagem, mas não é a comunicação. O ato comunicativo não depende da linguagem.

Há um momento no processo comunicacional em que há o estalo, há o impacto de quem constata o “a-há”, um momento em que o outro enfim percebe, sente o que estou dizendo, entende, vive como eu, complementa o que eu dizia, participa desse mesmo mundo. Somos arrebatados, misturamo-nos no outro. Operou-se aí uma mudança qualitativa em nós, **fomos comunicados** (MARCONDES FILHO, 2007, p. 100, grifos do autor).

Misturar-se é uma prática comunicacional. Oferece-nos o contato com a textura do alimento, com suas especificidades e com o sabor na pele. Diferente da bem aventurada promessa das tecnologias que são impressionantes canais de comunicação, não podemos nos ater apenas aos talheres. Estamos famintos de relação e a linguagem está servida como a única forma de tocar e tocar-se. Estar em contato com o outro é o que nos permite ser carne do outro e criar uma relação. Com tantos desejos humanos, estamos cada vez mais distantes de nós. A língua,



árida, tem feito pouco por nossas percepções. Assim, comunicar também está nas interpretações do erotismo.

É preciso que a isca seja guiada por sensações, mais que por ideias. Ideias estrangulam o erotismo; entre com as ideias somente mais tarde, quando sentir que o oponente já está conquistado. Ofereça pedaços, mais sedutores que o todo. Para o seduzido, o todo não deve estar no horizonte da conquista. Não existe totalidade no erotismo (JAFFE, 2016, s/p).

A autora em seu Livro dos Começos inicia uma trajetória em que um começo pode ser erótico. Jaffe (2016) progride nessa explicação ao dizer que as ideias atrapalham o erotismo e que para ele, o todo não existe. Esse erotismo que não é racionalizável, também é comentado por Bataille (1987, p. 7). “Creio que o erotismo tem para os homens um sentido que a abordagem científica não pode alcançar. O erotismo só pode ser objeto de estudo se, em sua abordagem, for o homem o abordado”. E, neste momento, expõe-se o ponto que abordo neste processo. Para chegar ao entendimento sobre o erótico, precisamos passar pelo indivíduo, os processos de constituição deste, suas percepções, as emoções que investem e mobilizam, o processo de constituição do sujeito erótico é fenômeno nesta investigação.

O interesse pelo erótico como movimento perceptivo/afetivo/simbólico é um desejo de problematização que não pode ser visto de forma isolada. Porque, por mais que “[...] só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças” (BATAILLE, 1987, p. 10), como sujeitos, produzimos em nossas relações diferentes experiências acerca da prática erótica e sexual. A mesma experiência seja vivenciada por dois sujeitos tem efeitos diferentes porque as subjetividades que perpassam o processo de



significação e a consciência – como experiência refletida – originam diferentes explicações sobre as percepções.

Temos uma querela de sentidos a serem expostos. Em uma pesquisa realizada sobre a nuance entre prazer e perigo na constituição das práticas sadomasoquistas, a pornografia e o mercado pornográfico/erótico, Gregori (2016, p. 19) perpassou diferentes sentidos, mas oferece, por exemplo uma leitura acerca do termo prazer como “[...] associado à sensação de bem-estar, ao deleite, e indica uma inclinação vital”. Por outro lado, Bataille (1987, p. 12) explica que “[...] temos o desejo angustiado da duração desse perecimento, temos a obsessão de uma continuidade primeira que nos une geralmente ao ser” (BATAILLE, 1987, p. 12). O autor fala de como somos seres descontínuos, do mesmo modo, também traz o desejo como essa angústia acerca da experiência, do entendimento e da compreensão. Gregori (2016), por outro lado, sugere-nos outro lugar para o prazer, leva-nos direto a sensação.

Ao tomar por via as discussões produzidas por Serres (2001, p. 47), entendemos que “[o]s órgãos dos sentidos formam nós, lugares de singularidade em alto relevo neste múltiplo desenho plano, especializações densas, montanha ou vale ou poços na planície”. Os sentidos passam por nós e nos “irrigam toda a pele de desejo, de escuta, de vista ou de odor, ela escoia como água, confluência variável das qualidades sensíveis”. As afirmações do autor nos levam a navegar pelo corpo como espaço dos sentidos e estrutura da percepção. O espaço é o aberto aos processos e produções de sentido e, assim, o corpo é carne-mundo, como diz Merleau-Ponty (1999).

O corpo como território sensorial pode ser desconhecido, porque como o território é produto das relações culturais e sociais. Existe, nessa interpretação, a ideia de que o corpo como processo e produto das sensorialidades seria inscrito nas lógicas dos significados, mas ao mesmo tempo, o corpo é resultado das sensibilidades provocadas e construídas nas relações do ser com o mundo. Semelhante ao território geográfico que



é um resultado dos processos de significação, o corpo também é lido socialmente e culturalmente, mas suas sensorialidades nem sempre são significadas (RAFFESTIN, 2010).

Por vezes, o que atravessa os órgãos da percepção nos produz experiências, estados, passagens. De certo modo, o corpo nos oferece paisagens do que vivemos. Ao me referir as paisagens, aproximo-me da ideia de que “[a] paisagem é uma *imagem do território* e é sempre um documento histórico, bidimensional, enquanto o território é tridimensional” (RAFFESTIN, 2010, p. 17, grifos do autor). Assim, a paisagem do corpo é o que é possível ver deste que se constitui como espaço e território. Enquanto o último é codificado e constituído na cultura, o espaço é aberto e passível de construção. A paisagem é resultado desse processo de construção de sentidos sobre o território. Nosso corpo é um território da cultura, mas também é da sensorialidade e da comunicação.

As experiências de prazer e desejo, em diferentes contornos nos provocam múltiplas formas de atuar. Irrefletidas, as ações responsivas do corpo podem nos causar outras práticas, assim, em uma experiência, o sujeito pode mover-se ou estagnar-se. Em outros momentos, há uma reflexão sobre o que se vive: consciência, desse modo, do que passamos. É essa consciência que pode ser criadora e enganosa. Ao entendermos a consciência como experiência, não existe uma certeza abrupta: estamos constituindo nossos corpos, nossas viagens e nossas consciências nessas paisagens de sensações. Ser é ser-no-mundo (MERLEAU-PONTY, 1999).

O corpo é profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os seus sentidos. Entre a carne do homem e a carne do mundo, nenhuma ruptura, mas uma continuidade sensorial sempre presente. O indivíduo só toma consciência de si através do sentir, ele experimenta a sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perceptivas não cessam de atravessá-lo (LE BRETON, 2016, p. 11).



Perceber-se é também compreender que essa profusão do sensível é inscrita na cultura, tal como expressa o autor. A compreensão do corpo é uma leitura racional de algo que o pensamento racional não alcança. O indivíduo não é apenas consciência, mas é também as emoções e as percepções que chegam a ser pensamento. Pensar é apenas uma das dimensões de explicação dos modos de ser humano.

Acreditamos possuir algum saber sobre as coisas propriamente, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, mas não temos entretanto aí mais do que metáforas das coisas, as quais não correspondem absolutamente às entidades originais. Assim como o som enquanto figura de areia, também o x enigmático da coisa em si é primeiramente captada como excitação nervosa [é desse modo que o filósofo compreende ser a palavra], depois como imagem, afinal como som articulado. A gênese da linguagem não segue em todos os casos uma via lógica, e o conjunto de materiais que é por conseguinte aquilo sobre o que e com a ajuda de quem o homem da verdade, o pesquisador, o filósofo, trabalha e constrói [...] jamais provém em todo caso da essência das coisas (NIETZSCHE, 1873, s/p).

É no gesto consciente de Nietzsche (1873) de que os sentidos não dominam a essência das coisas que percebemos que a experiência é o contato com o mundo. Mesmo que possamos descrever de forma útil e possível, o descrever é o relatar o que se sente, do modo que se pode e, de certo modo, localizado no eu, mas constituído das representações que nos permitem fazer linguagem nos sistemas de codificação/decodificação de sentidos. O corpo como sistema que percebe é um espaço possível para produzir sentidos e afetos acerca do que se realiza sobre si, com o outro e sobre o outro. Relação. O corpo é como suporte comunicacional, como experiência sensível e como território afetivo. É uma forma de contato, um mediador/produtor do mundo. O corpo não se separa do mundo. Ser carne do mundo, estar encarnado no mundo, esse papel do corpo corrobora para que seja possível dividir a experiência interna de ser mundo, porque se somos carne do mundo, produzimos e somos produtos nessas relações de experiência com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999).



Toda descrição é válida para a tapeçaria e para o corpo, indiferentemente. Cada órgão dos sentidos, insular, forma uma singularidade densa na planície cutânea, diluída. A ilha é tecida com a mesma tela que tece o fundo, cada órgão dos sentidos invagina-se na mesma pele, espreada por todo o redor. O sentido interno drapeia-se em sua tenda, novo véu, nova tela, mesmo tapete e mesma pele, o sentido interno vela-se de pele (SERRES, 2001, p. 49).

Estar no mundo é estar mundo. Assim, as experiências sensoriais podem ser formas de localização e de produção das relações consigo e com os outros. Um dos modos de constituir essa possibilidade é por meio da cenestesia, ou seja, “o sujeito se voltar sobre si mesmo, e o corpo sobre o corpo, sentido comum ou sentido interno, faltava justamente uma sexta ilha: ilha duplamente fechada pelo corpo próprio” (SERRES, 2001, p. 49). Assim, diferentes sentidos também constituem um sentido interno, uma possibilidade de sentir o que ocorre dentro e não apenas o que passa pelas superfícies do corpo.

A cenestesia localiza-nos para pensar em diferentes contextos como a relação com a experiência de si e a experiência do mundo. Se ser é ser no mundo, há do mundo aquilo que somos. O que pode ser encarnado porque o mundo é produzido pela carne de nós. Perceber-se conectado as possibilidades de estar no mundo e ser produto/produtor do mundo nos alimenta em diferentes estados, nos oferece outras consciências. Refletir sobre o que sente – no fora e no dentro do corpo – é um modo também de sentir a cenestesia do mundo, a sensação interna disso tudo que somos. “Eis a experiência da sensação, ou melhor: eis a experiência ou a sensação” (SERRES, 2001, p. 30).

Desse modo, olhar para as “alternativas eróticas” é uma forma de perceber o prazer como uma “promessa de transgressão das restrições impostas à sexualidade” (GREGORI, 2016, p. 19). Assim, o prazer é entendido nesse movimento como uma experiência – consciente ou não – do campo das sensações e das relações do corpo com o fora e o dentro. Desse modo, o prazer está envolvido com o sensorial. Em outro campo,



vou compartilhar o entendimento de Foucault registrado por Deleuze (1994) em uma discussão acerca de desejo e prazer. Na diferenciação entre os termos, Foucault mostra-se resistente a noção de desejo por entendê-lo na matriz de pensamento freudiano como o signo da falta. Essa relação não é mantida por Deleuze (1994). Para ele, o desejo é fluxo e devir, mas ao ter a experiência de prazer o sujeito finaliza o fluxo, resolve o esquema.

Assim, “[...] uma sociedade não se contradiz, ou se contradiz muito pouco. Mas eis sua resposta: ela se estrategiza, ela estrategiza. Acho isso muito bom” (DELEUZE, 1994, p. 5). Nesta lógica das estratégias, compactuo com a diferenciação feita por Foucault. Desse modo, entendo que Deleuze (1994) traz o desejo por fluxo, mas um fluxo que produz-se na experimentação da falta. Diferente de prazer, como prática sensorial que nos coloca em contato, que presentifica, o desejo está significado na lógica “futuro-passado”, mas não no presente. No momento em que o corpo sente o prazer, encarna as experiências do prazer de modo sensorial, o desejo é resolvido e a experiência corrobora, ou não, para uma consciência das formas de prazer do corpo-mundo.

E o que nos envolve nessa empreitada é que a questão apontada por Bataille (1987, p. 13) em visibilizar questões e violar um segredo sobre o erotismo: “seria isto possível sem ir primeiramente ao mais profundo, sem ir ao coração do ser?” (BATAILLE, 1987, p. 13). Há um envolvimento do corpo acerca da experiência que já não cabe no espaço do sensorial. Transborda, irrompe, adquire texturas. Não tão profundo na carne do mundo, não tão fixo nos moldes e nas linhas inscritas no corpo e na experiência, o prazer e o desejo tomam circulação por meio dos afetos e das emoções. Esses termos também nos interessam que não sejam entendidos por sinônimos. Deleuze (1974) explicita o afeto como disparo. O afeto é algo que nos afeta. Diferente da emoção, que Didi-Huberman (2016, p. 26) explica que



[...] uma emoção não seria uma e-moção, quer dizer, uma moção, um movimento que consiste em nos pôr pra fora (e-, ex) de nós mesmos? Mas se a emoção é um movimento, ela é, portanto, uma ação: algo como um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 26).

Movimento interno/externo, as emoções perpassam e produzem as relações entre as sensações e os sentidos. Tomamos aqui esse conceito entre o que ocorre no campo das percepções e o que conseguimos refletir da experiência que nos localiza conscientes dos efeitos de um contato consigo e com o mundo. Múltiplas, cambiantes e possíveis, as emoções são potentes formas de conexão, de relação com os significados. Emocionar-se é pôr-se em movimento, assim, do corpo e das sensorialidades é possível navegar entre essas emoções e deslocar-se entre os sentidos. O fato de uma experiência sensorial ser lida como algo que agrada ou repele, que encanta ou incomoda toca o âmbito da emoção de forma complexa porque

A emoção não diz "eu": primeiro porque, **em mim**, o inconsciente é bem maior, bem mais profundo e mais transversal do que o meu pobre e pequeno "eu". Depois porque, **ao meu redor**, a sociedade, a comunidade dos homens, também é muito maior, mais profunda e mais transversal do que cada pequeno "eu" individual (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 30, grifos do autor).

A sinergia entre eu e outro, entre as diferentes carnes do mundo, as percepções que produzem afetos e emoções realizam-se em concomitância. Há múltiplas produções e possíveis significados que a reflexão da experiência pode gerar sobre os corpos que encarnam o mundo. Ou seja, existe em um ponto de todo o processo de consciência para entender o mundo, o outro e a si, um envolvimento dos sentidos externos que "[m]últiplos também, espalhados, disseminados ou salpicados, nunca únicos. Os sentidos caóticos e turbulentos jamais



atingem a unicidade, a conservação, nem a identidade. Donde essas tapeçarias ornamentadas com todas as coisas do mundo” (SERRES, 2001, p. 52).

Em algum momento entre o durante e o fim dessas trocas com a carne do mundo, “[...] as emoções, uma vez que são moções, movimentos, comoções, são também **transformações** daqueles e daquelas que se emocionam” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 38, grifo do autor). Ou seja, há todo um modo de constituir-se “de um estado a outro”. Desse modo, as emoções conduzem-nos para as transformações dos nossos modos e mundos, assim, até que “elas mesmas se transformem em pensamentos e ações” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 38).

Os processos entre percepção e emoção podem desembocar nos sentidos. Talvez, em uma relação menos causal. Há emoções que não conseguimos refletir sobre a experiência que elas nos oferecem. Há trocas da carne do corpo no mundo que simplesmente não são passíveis de um entendimento do que elas nos provocam. Nem toda forma perceptiva gera afeto que gera sentido. Entretanto, podemos especular que todo sentido é uma experiência refletida, uma sensação que foi movida por uma emoção e nos deu o sentido.

Movida, não individual, mas coletivamente, como explica a atriz terrorista de gênero Linn da Quebrada, em entrevista ao O Povo Online (2018), ao explicar o significado de comover: “mover-se coletivamente”. Assim, como estratégia que é possível, diferente da impossibilidade de sentir medo, que é um privilégio como assinala a cantora, é necessário que se promovam outras estratégias. A esperança não nos ajuda em nada. O Comitê Invisível (PELBART; FERNANDES, 2017, p. 7) diz que “[t]odas as razões estão reunidas, mas não são as razões que fazem as revoluções, são os corpos. E os corpos estão diante das telas”. É necessário quebrar os vídeos espelhados, desde dentro. Tática possível é entender que esperar não resolveu.



A esperança é possível para aqueles que o sistema conforta e que sua consciência e o pensamento podem explicar ou que a crença e a fé protegem da dimensão de encontrar-se com o mundo. Encarnados no mundo, aqueles e aquelas que não se constituem sujeitos da dimensão racional aceita, aqueles que não são homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais e europeus estão aquém da esperança. Como nos diz Linn da Quebrada, é necessário agir e não mais esperar.

Na caixa de Pandora só havia desgraças e a esperança, neste ensaio, também é um sofrimento para aqueles e aquelas que não são a norma. Sobreviver às desgraças que estão postas por meio da esperança é para aqueles e aquelas que são protegidos pela norma e a protegem. Assim, criar outras formas não é apenas pela sobrevivência. Ser um sujeito digno é estar em condições de pensar-se, para além das dimensões engessadas do pensamento concreto.

Shiva (2003) trata da necessidade de um pensamento que enfrente as monoculturas da mente. Para tal, é necessário que a mente não seja a única forma de acesso. Enquanto for, a esperança é o que sobra para aqueles que não estão no sistema. Assim, a dimensão do corpo, as emoções e os pensamentos não são ações isoladas. Estas compõem, em diferentes oportunidades, as maneiras de ser no mundo e as possibilidades de problematizar a contemporaneidade. Nossa necessidade é sentir.

Ao questionar esse sistema, Linn da Quebrada oferece outras possibilidades de encarar as perspectivas que são apresentadas nos cenários sociais e culturais que nos encontramos. Diante da crise que ela percebe e é questionada na entrevista, a terrorista de gênero diz da oportunidade de renovação que a crise nos oferece. Sensíveis, precisamos olhar outras possibilidades e problematizar diferentes condições de ação. Agir, nesse sentido, não é simplesmente manter o funcionamento do sistema de representações, mas desestabilizá-lo.



Para esta finalidade, existe uma dimensão do corpo que precisa ser ensinada a expressar-se e, ao mesmo tempo, perceber-se, de forma cenestésica, nas dimensões que nos encontramos. Após tal reconhecimento, os movimentos que este corpo provoca e/ou reage, suas mobilidades, seus movimentos coletivos são, assim o que Linn chama de comoção. Concordo com a artista que ser movido e mover-se de forma coletiva é uma dimensão possível que nos inscrevem em outras possibilidades.

Assim, as tecnologias, as estratégias, os modos de pensar precisam afinar e ressoar as emoções e os sentimentos que provocam e convocam os significados que no corpo têm dimensões sensíveis. A sensibilidade precisa ser exercitada porque, assim como a racionalidade, é constituída em dimensões de complexidade que não são apreendidas por um modo apenas de integrar-se ao real.

Plural e complexo, o corpo é a expressão das sensações. Um corpo é sentido. Um corpo é emocionado. Um corpo é pensado. Corpo não é o que sou, mas ser é possível apenas enquanto encarnado. Preso, enjaulado, como disse Foucault (2010), o corpo é esta existência que também participa dos sistemas discursivos e imagéticos que estruturam sentidos e significados, que é capturado pelo poder, biopolítica. Ao mesmo tempo, o corpo é o espaço da revolta, das ações transformadoras e dos modos de ser possível, tal como desenvolve Preciado (2018) em seu ensaio corporal.

O corpo sente, comove e pensa. O corpo é a forma de engajar outra possibilidade de ser. Pensar e sentir são ações possíveis apenas do corpo. Se não agirmos, logo o corpo será apenas uma imagem, uma expressão vazia das táticas de consumo, uma resposta do sistema. Ser puramente significado nos faz mal. Ser corpo é ter possibilidade de criar laços, de sentir junto, comover-se. Vamos agir porque a esperança não é nosso alimento, mas é nosso grilhão.

As relações com o corpo são necessárias e precisam ser problematizadas na contemporaneidade por meio dos modos de ser e de



agir que nos permitam pensar, mas também emocionar e sensibilizar. Uma educação que nos faz conhecer e que nos pede apenas pensamento é uma educação para reprodução. Uma comunicação que nos exige apenas acreditar e ter fé é, também, uma instrução que nos impede de agir. Conformer é manter o sistema funcionando. Existe necessidade de produzir outros sentidos e criar outras estratégias. Os corpos precisam sentir. Agir é uma resposta da sensibilidade. Corpo, emoção e pensamento não são isolados, por mais que o pensamento moderno tenha desejado nos manter estancados. Sensibilizar é transformar a si e ao mundo. Ao mesmo tempo. Só é integral o que é possível fazer a vida possível.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BULFINCH, Thomas. Prometeu e Pandora. *In*: BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia** – a idade da fábula. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 19-26.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, Gilles. Desejo e prazer. **Magazine Littéraire**, 1994. Disponível em: <http://www.filoesco.unb.br/foucault>. Acesso em: 22 nov. 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault>. Acesso em: 04 set. 2013.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos**: erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo** – um ensaio filosófico sobre a arte de demorar-se. Barcelona: Herder, 2015.



HARAWAY, Donna. Um manifesto para os Cybogs: Ciência, Tecnologia e Feminismo socialista na década de 80. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

JAFFE, Noemi. **Livro dos começos**. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira num sentido extramoral**. 1873. Disponível em: <http://ensaios.files.wordpress.com/2008/03/sobre-a-verdade-e-a-mentira-no-sentido-extramoral.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2014.

O POVO ONLINE. Linn da Quebrada: crise na música e na política. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qqv0Y6A7qXU>. Acesso em: 19 fev. 2019.

PELBART, Peter Pál; FERNANDES, Ricardo Muniz (Org.). **Motim Destituição Agora**. Comitê Invisível. São Paulo: N-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAFFESTIN, Claude. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. *In*: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinós; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Org.). **Teorias e práticas territoriais**: análises espaços-temporais. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 13-24.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos** – filosofia dos corpos misturados 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.